

Daniela Feriani

**A EMBALAGEM BRILHANTE QUE VIROU
UMA BORBOLETA**

**THE SHINY PACKAGING THAT TURNED
INTO A BUTTERFLY.**

A EMBALAGEM BRILHANTE QUE VIROU UMA BORBOLETA

A primeira vez que vi seu João foi em 2014, numa consulta no ambulatório de neurologia de um hospital universitário.¹ Com olhar atento e sorriso no rosto, sentou-se na cadeira, acompanhado por Paula, a filha mais nova e principal cuidadora. Ela contou que, após a morte da mãe, o pai, muito abalado, começou a apresentar alguns sinais preocupantes: esquecer o fogão aceso, perder-se andando de ônibus, ter “comportamentos estranhos”. “Ele vê, ouve coisas. Ele falava que os operários de uma fábrica, que existiam mesmo e estavam fazendo uma obra perto de casa, queriam matá-lo”.

João, bem-disposto e comunicativo, ouvindo a conversa, contou com detalhes o que teria acontecido. “Tinham uns homens lá trabalhando. Eu ouvia eles de casa dizendo que queriam me matar. Eu via as armas deles escondidas. O vizinho também dizia que ia me matar. Um dia, fui pra outra cidade e eles foram atrás de mim, me perseguiram.” A filha complementou: “teve um dia que cheguei em casa e ele estava com pedras e pedaços de pau na mão esperando os operários entrarem pra matar ele.”

“Como o senhor está?”, perguntou o residente². “Pra mim, eu tô normal...” Mas disse ter dificuldade pra ver televisão e ler a bíblia (“preciso ler umas 40 vezes a mesma coisa”). “E acontece do senhor ouvir ou ver coisas que não existem?” “Isso não tem não. Só em sonho”, respondeu. E, em um tom baixo e firme, soltou, como um suspiro: “Uma coisa que eu sinto muito é... eu aprendi tanta coisa e esqueci tudo”.

As perguntas continuaram, com a investigação sobre o dia a dia, e o médico se mostrou surpreso ao saber que ele conseguia comer, tomar banho e se vestir sozinho. “É mesmo?”, ao ouvir que ele fazia supermercado. “É, ele faz, mas às vezes esquece as compras lá...”, disse a filha, provocando risos nos presentes, incluindo João.

Ao final da consulta, foi João quem propôs um teste. Tentei escrever rapidamente o raciocínio, mas confesso ter perdido alguns detalhes. A questão era mais ou menos assim: “uma professora tem x parte de alunos. Se ela tivesse outro tanto + $\frac{1}{2}$ + $\frac{1}{4}$, ela teria 88 alunos. Quantos alunos ela tem?” “Ih, acho que eu não vou conseguir passar nesse teste”, disse o residente. E João, ligeiro, respondeu: “ela tem 32 alunos!”

Se os médicos ficaram impressionados com os detalhes do delírio de João, impressionou-me a habilidade narrativa dele. Quando fiz uma visita domiciliar,

¹ Acompanho seu João desde a minha pesquisa de doutorado, intitulada *Entre sopros e assombros: estética e experiência na doença de Alzheimer* (Antropologia/UNICAMP, com orientação de Guitta Debert), e que se desdobrou no projeto de pós-doutorado – *Como narrar a perda do narrar: autobiografias de pessoas em processo demencial* (Antropologia/USP, com supervisão de Sylvania Caiuby Novaes) -, ambos financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² Como se trata de um hospital universitário, as consultas são feitas por residentes, ou seja, estudantes de medicina em processo de especialização. Após as perguntas para investigação da rotina e de possíveis causas e sintomas do paciente, o médico é chamado para ouvir o relato do caso e formular a hipótese diagnóstica, bem como as orientações em relação a pedidos de exames e medicamentos.

fiquei mais de duas horas conversando com João, que me contou grande parte de sua história de vida – como era a vida na roça, como foi perder a mãe aos 8 anos, como conheceu a esposa e, emocionado, como ela morreu. Confirmou a história da perseguição. “Eles estão mais doentes do que eu”, concluiu, rindo.

Disse ser muito bom em matemática, chegou a ter aula com um conhecido, mas, como ele já tinha aprendido tudo e ficado melhor do que o professor, as aulas, um dia, cessaram. João também se lembrou de acontecimentos recentes – contou-me que tinha caído no dia anterior. Mostrou-se ciente de que tem “algo” – “às vezes vou pegar uma ferramenta e esqueço qual era; então pode ser que eu tenha um ramozinho de Alzheimer”. Quando perguntei o que era isso, ele me disse: “é quando as pessoas não dizem coisa com coisa”. No trabalho, já chegou a colocar água no trator, achando ser combustível. Ao me despedir, segurou firmemente minhas mãos por um tempo. “Foi uma boa conversa”, convidando-me para aparecer por lá novamente.

Eu retornei 5 anos depois. E, dessa vez, eu o veria toda semana, ao longo de quase 1 ano. João estava mais magro, os cabelos, mais brancos, a testa, com mais rugas. Já não se vestia, comia e tomava banho sozinho. A conversa não mais se arrastava; a fala se tornou truncada, de difícil saída e compreensão. O sorriso e o forte aperto de mão permaneciam.

João nasceu em Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais, em 1936. Primogênito, teve uma irmã, que faleceu. Aos 8 anos, perdeu a mãe. O pai se casou novamente, tendo mais dois filhos. Trabalhou na roça desde cedo, ainda criança. Com 17 anos, chegou ao interior de São Paulo para morar e trabalhar numa fazenda, onde conheceu Maria, com quem se casou aos 29 anos. Tiveram 6 filhos – 1 homem e 5 mulheres. Desde então, passou por sítios e fazendas, plantou – principalmente feijão, algodão e milho -, colheu, dirigiu charrete e trator. Quando conseguiu se aposentar, comprou uma casa em Holambra, S.P., onde mora até hoje com a filha Paula, o genro, dois netos e 4 cachorros.

A esposa faleceu em 2010, por problemas cardíacos. De 6 meses a 1 ano depois, João começou a ficar mais esquecido e confuso, piorando gradativamente. Desde 2011, ele faz acompanhamento no ambulatório de neurologia de um hospital universitário. Em 2014, quando eu o conheci, aos 77 anos, a investigação de seu caso ainda estava em curso, com hipótese diagnóstica de doença de Alzheimer.³

Quando João fez 83 anos, fomos na colônia de férias, onde viveu e trabalhou por 14 anos como zelador. Ele caminhou, riu, lembrou - “aqui era o quarto onde eu dormia” -, se emocionou - “eu vejo que meu pai está emocionado quando a pupila fica dilatada” -, disse que o rio estava cabeçudo, bebeu água da fonte, se assanhou - “pai, o senhor gosta de mulher?” “E quem não gosta?”. Entre árvores, afetos e delírios, a embalagem brilhante de biscoito virou uma borboleta, o cachorro correndo era um touro e a folha amarela no chão, uma banana.

Na véspera de fazer outro passeio, Paula me contou que ele já devia estar

³ Discuto as nuances, disputas e práticas desse processo em *Pistas de um cotidiano assombrado: a saga do diagnóstico na doença de Alzheimer*. Ponto Urbe, n. 20, 2017.

lá, na roça, pois acordou, de repente, perguntando “você pegou a ferradura?” Também viu um monte de feno atrás da filha, e começou a falar em cavalos.

No dia seguinte, fomos no sítio de um conhecido, e eu não conseguia controlar minha empolgação. Estava um dia lindo. Seu João deu comida para os peixes, caminhou pela rua de terra, cheirou as plantas, entrou na horta, pegou a terra, viu os animais – nomeou as cabras e as galinhas; ao apontar os perus, disse ser curumau [espécie de peixe].

Quando viu o trator, seus olhos ficaram enormes. Se a palavra não saiu, a mão mostrou, chamou nossa atenção para aquele objeto tão pomposo. João foi até lá, conferiu a lataria, apalpou os pneus, apoiou-se, fez pose para a foto e abriu um largo sorriso ao me dizer que o trator era tão gostoso de dirigir que andava como uma casa.

Levei João – sempre acompanhado por Paula – para vários lugares: o sítio, onde ele vislumbrou o trator, a colônia de férias, que o permitiu lembrar do quarto em que dormia, a igreja, onde frequentou com a esposa por tantos anos, e as casas de todos os 6 filhos, alguns próximos, outros, distantes. Compartilhei almoços, cafés, bolos, risos, choros, piadas, desabafos, carinhos. Vi a reaproximação entre pai e filho, em um abraço que até então nunca tinha sido dado. Fui em aniversários e churrascos da família. “A antropóloga do seu João”, referiam-se a mim, de maneira carinhosa. Ou, nas palavras de uma neta mais brincalhona, “a crush do seu João”. Um dia, Paula me contou que tentava acordar o pai para me receber. “Pai, acorda! Acorda, pai! Acorda que vem uma amiga ver o senhor.” Sonolento, ponderou: “mas ela é rica?”

Paula topou se arriscar nessas andanças comigo e com João, mesmo sabendo o quanto era difícil sair de casa com o pai. Às vezes, ele demorava mais de meia hora para conseguir entrar e sair do carro – o medo de cair enrijecia o corpo todo – e, um dia, quase agrediu uma policial que tentava ajudar. Paula, que deixou o emprego para se dedicar ao pai, viu João ficar agressivo com ela, confundiu-la com empregada, patroa, mãe, esposa – chegou a ser assediada por ele. Ela, que já chorou escondida no banheiro e teve vontade de sumir, foi, aos poucos, aprendendo a lidar com a doença, a perceber que um aceno de mão pode substituir uma palavra e que, quando a pupila dilata, João está emocionado. Aprendeu a vibrar com as pequenas grandes vitórias. Um dia, contou-me, toda feliz, que o pai tinha se levantado da cama sozinho e ido ao banheiro, o que não fazia há 1 ano. Outra vez, recebi a seguinte mensagem:

Aconteceu algo bem legal. De manhã, eu sentei na cama com ele, fui orar com ele. Aí eu comecei a orar, falar algumas coisas e ele quis começar a chorar, sabe? Eu senti que ele estava compreendendo a oração que a gente estava fazendo ali, eu senti que ele estava entendendo aquele momento. Foi bem gostoso! Mostra o quanto a fé dele é forte, sempre foi; mesmo com a doença, a fé prevalece.⁴

Não tinha sido a primeira vez que Paula me fazia lacrimejar. O amor e cuidado com o pai, o bom humor diante de uma doença tão difícil já tinham me

⁴ Como não se trata de citação bibliográfica, optei pelo recuo de 2 cm.

emocionado em muitos momentos. Um tempo atrás, ela me mandou outra mensagem, dessas que faz a antropologia ter o mais pleno alcance, como o brilho e o sorriso de seu João.

Ai, Dani, eu preciso te falar uma coisa. Desde ontem, tá isso em meu coração. Pra você, pode ser um estudo que você tá fazendo, uma pesquisa, faz parte do projeto que você tem pra sua vida profissional. Mas não é só isso, viu? O que você tá fazendo com o meu pai é algo muito maior do que isso, pode ter certeza. Eu não sei se você acredita, mas é algo assim, muito espiritual, sabe? É algo de Deus, isso já estava escrito. Não é à toa que foi o meu pai que, 5 anos atrás, você conheceu naquele hospital... É algo além, Dani. Eu creio que Deus já tinha escrito isso pra vida do meu pai, a gente conhecer você... Tem sido, assim, momentos de cura pra minha família, cura na alma, cura de feridas. Como eu disse pra você, o que aconteceu na casa do meu irmão nunca tinha acontecido [o abraço entre pai e filho]. Foi algo, assim, que eu tenho certeza que o espírito do meu pai recebeu. Muito obrigada mesmo!

Quando a pesquisa deixa de ser apenas uma pesquisa, é aí que ela acontece e chega onde tiver que chegar. Pois sou eu quem agradeço a oportunidade de conhecer seu João e aprender, com ele, a deslocar palavras e coisas, levar a língua a delirar, inventar com a vida.



- Pai?

...

- Vô?

...

- João?

- Oi!





- Como tá a vida, seu João?
- Ah, vida de pobre, né? Não muda.

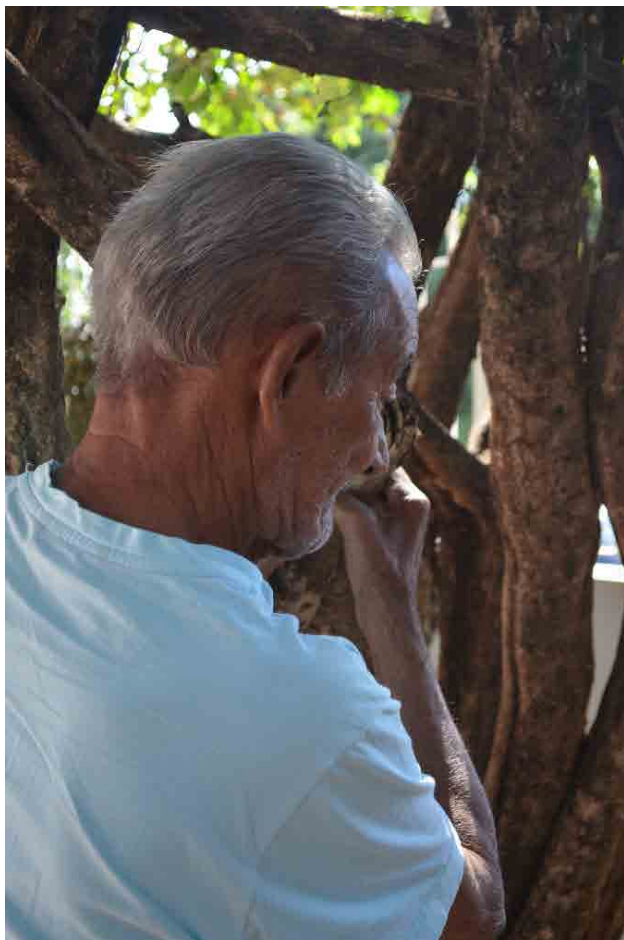




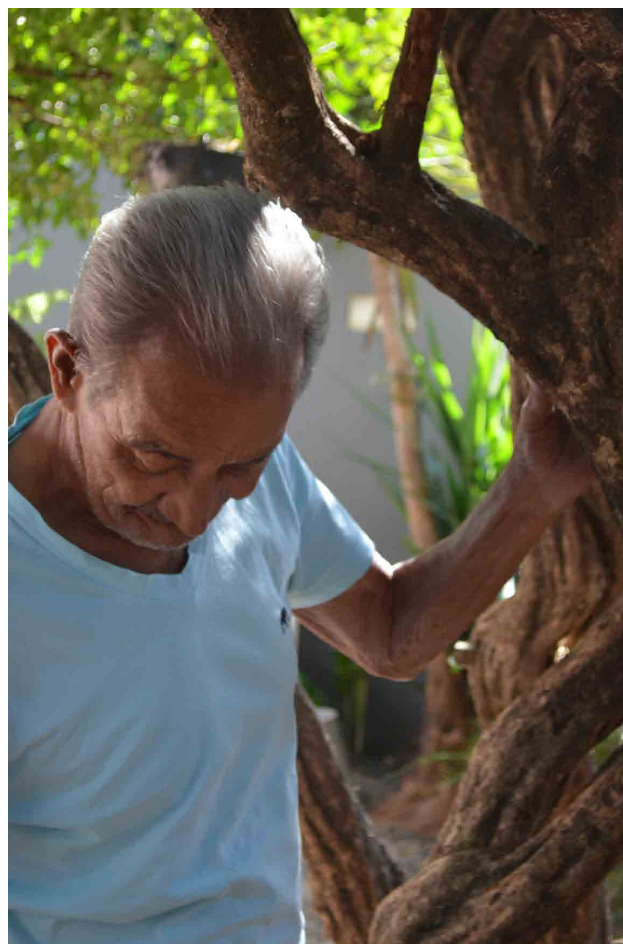
- O que o senhor tá fazendo?
- Tô trabalhando! Hoje tem muito serviço!
- Ah é? O que tem pra fazer?
- Ah, o patrão mandou recolher tudo isso aqui.







- E o que é esse monte de gente [filhos, netos, bisnetos...]?
- É tudo ramo do mesmo galho.





- Eu fico bonito quando pego a terra.

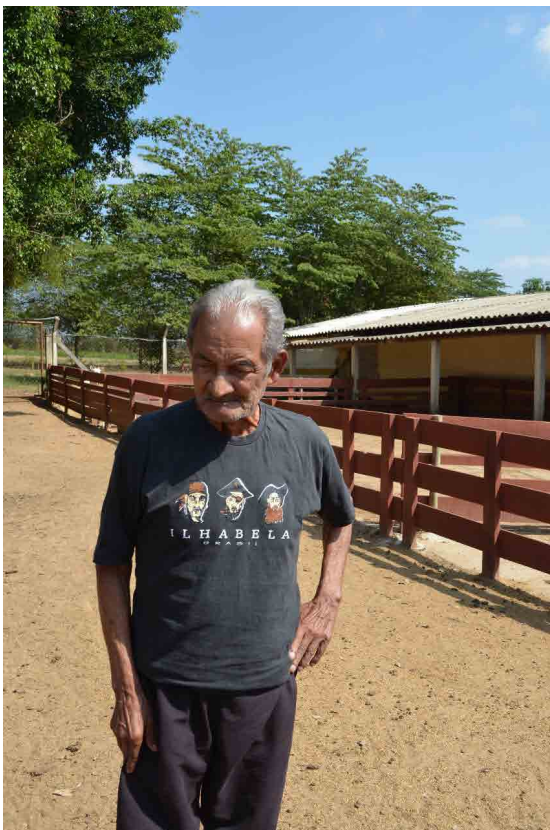






- O senhor já dirigiu um desse?
- Ô!
- Deve ser difícil, né?
- Não, é gostoso! Anda que nem casa.







- Quantos anos o senhor tem?

- 2/4.





[numa consulta médica]

- Tudo bem com o senhor, seu João?

- Eu tô em branco.



- Como vai a vida?

- Ah, a gente vai montando e desmontando, né?



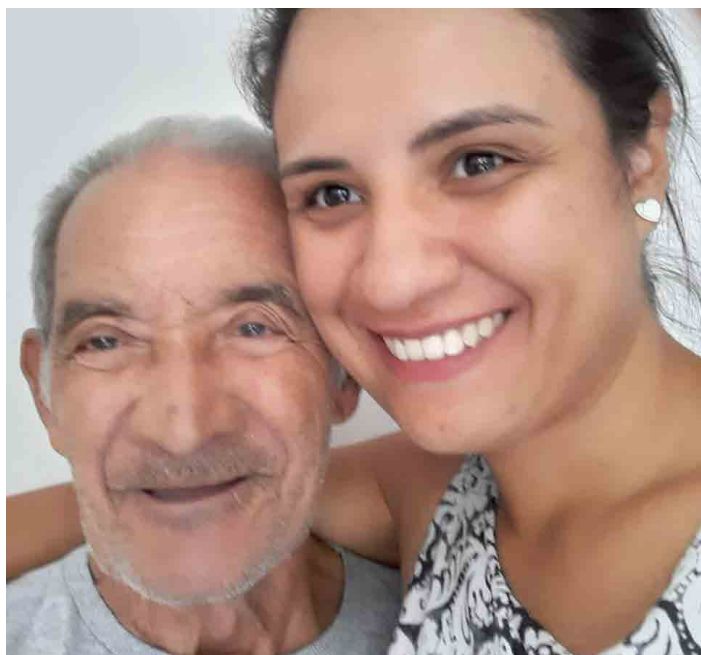
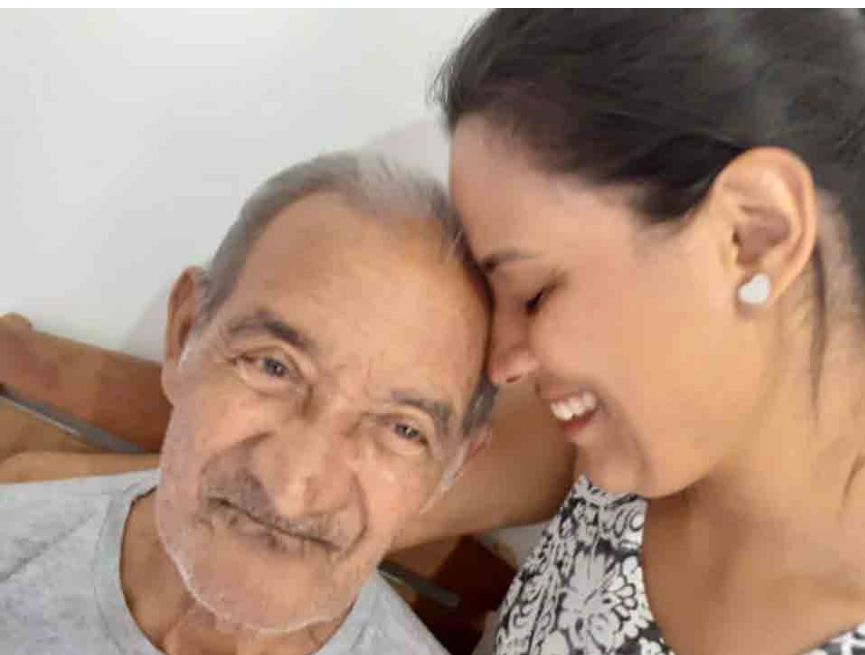




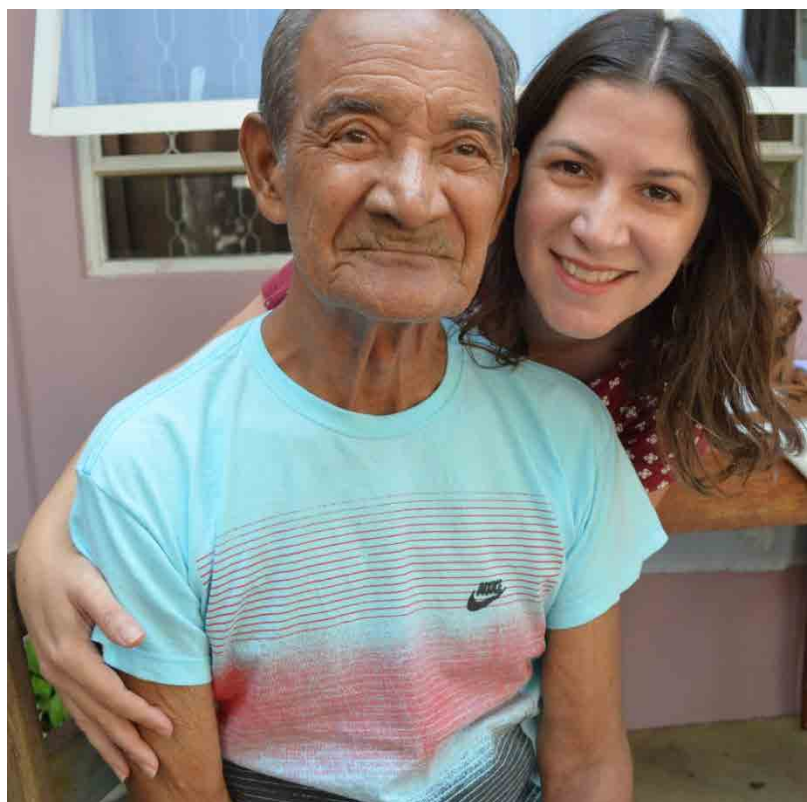
- A vida tá boa ou tá ruim?

- Vamos ver.





Com a filha Ana Paula.
Fotos do genro Tarcísio e de Paula.



Eu e seu João.
Foto de Pedro, o neto de 8 anos.

AUTORA

Daniela Feriani

Universidade de São Paulo

E-mail: danielaferiani@yahoo.com.br